

UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DOS IDIOMATISMOS

Vanilton Pereira da Silva (UFRN)

falecomvanilton@gmail.com

1. Introdução

Neste trabalho, situado no âmbito da Linguística Cognitiva, temos como objetivo principal investigar os processos de construção de sentido, a partir da análise de idiomatismos – mais especificamente, dos provérbios. E as perguntas que desencadearam todo o processo de investigação foram as seguintes: Por que conseguimos categorizar e compreender construções proverbiais vistas pela primeira vez? Que mecanismos cognitivos estariam envolvidos na categorização dos provérbios? A nossa hipótese é que para categorizar expressões proverbiais ainda não conhecidas, o compreendedor tende a acionar estruturas construcionais de provérbios conhecidos previamente. Nessa direção, recorreremos Modelo de Construções Corporificadas e às noções de esquemas, *frames*, efeitos de frequência e idiomatismos.

Durante o processo de análise, consideramos que características atribuídas às expressões idiomáticas são também compartilhadas por expressões não idiomáticas. Reputamos também que a organização gramatical como um todo corresponde a um conjunto de expressões idiomáticas mais ou menos cristalizadas. Esse entendimento concebe os idiomatismos, antes usados como evidências da coesão sintática, como um argumento favorável a uma visão construcional na qual a gramática passa a ser compreendida como um conjunto de construções, em que cada uma delas corresponde a um pareamento de forma/significado.

Acreditamos que essa perspectiva, não apenas rompe com o paradigma formal pautado na hipótese da existência de traços necessários e suficientes, como também fortalece a ideia de *continuum*, tal como proposta pela Gramática de Construções Corporificada. Esse fato parece justificar a compreensão da gramática não mais como sendo um conjunto de frases formadas pela aplicação de regras simbólicas, mas sim como um conjunto de construções que, em menor ou maior grau, são idiomatizadas.

Postulamos ainda que o processo de atração de determinadas palavras por construções gramaticais cristalizadas está diretamente relacionado à corporalidade e aos efeitos de frequência. Além disso, partimos do pressuposto de que a compreensão e a categorização das sentenças gramaticais são viabilizadas por meio de simulações mentais instanciadas pela ativação e pelo acionamento de esquemas e *frames*.

Esclarecemos, por fim, que a perspectiva corporificada da linguagem – que concebe o significado envolvendo a ativação do conhecimento perceptual, motor e social na caracterização do conteúdo dos enunciados – está na pauta dos estudos linguísticos contemporâneos e tem se firmado como um empreendimento que amplia as possibilidades de respostas a questões que até hoje são desconsideradas por outras abordagens linguísticas. É o caso, por exemplo, dos idiomatismos que se encontram completamente à margem dos estudos desenvolvidos pelas linhas de pesquisa formalistas.

2. Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva se situa no campo dos estudos da linguagem e considera em seu escopo investigativo as relações recíprocas entre linguagem, cognição e corporalidade, com o objetivo de dar conta dos fenômenos linguísticos envolvidos nos processos de construção de sentidos. Para a realização dessa tarefa, postula que organismo, meio ambiente, aparato cultural e estruturas linguísticas interagem intimamente na produção do conhecimento. Essa visão é corroborada por Gibbs (1996, p. 49), segundo o qual a Linguística Cognitiva procura ativamente correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corporal e a estrutura linguística.

As atividades cognitivas e as experiências cotidianas – culturais e sensório-motoras – são consideradas conjuntamente, tendo em vista que todos os eventos que experienciamos têm como base nossa configuração corpórea na interação com o nosso entorno sociocultural (DUQUE; COSTA, 2012). Nessa perspectiva, a linguagem não reflete o mundo de forma objetiva – como se o espelhasse –, mas tem como função crucial a categorização. Em outras palavras, a linguagem atua impondo uma ordem coerente à realidade mundana que é delineada através dos processos de semantização, por meio da interação entre nossas capacidades cognitivas, nossas características corpóreas e o meio ambiente em que estamos inseridos.

Esse entendimento traz a categorização para o centro de nossas atenções. E por isso mesmo é importante delimitarmos a concepção de categorização com a qual trabalhamos. Neste trabalho, categorização é toda atividade mental que nos permite organizar, em termos de classes, a imensa variedade de entidades que constituem o ambiente externo, dando-lhes significações particulares, com o propósito de resolvermos certas disponibilidades e atingirmos objetivos considerados importantes (DUQUE, COSTA, 2012). Nesse sentido, a categorização é concebida como uma atividade cognitiva e sociocultural, a partir da qual a realidade é construída, e não um processo da mente individual.

Nesse espectro, o ordenamento cognitivo das informações linguísticas que processamos é influenciado pela recorrência com a qual somos expostos a determinadas categorias, o que reforça a importância da experiência para a construção de sentido. Mas, além de fatores probabilísticos, acreditamos que aspectos individuais como crenças, valores e anseios pessoais também atuam na construção do significado.

Na próxima seção, falaremos a respeito de duas categorias analíticas básicas e muito caras para os nossos estudos, os esquemas e os *frames*.

3. Esquemas e frames

Em linhas gerais, a noção de esquemas que adotaremos em nossa pesquisa se baseia em Duque e Costa (2012), segundo os quais “esquemas são estruturas oriundas de experiências sensório-motoras facultadas pelas características biológicas da espécie humana”. Apesar do viés biológico, os autores esclarecem que “os esquemas imagéticos são estruturas dinâmicas, tendo em vista que são continuamente confrontados com as experiências e revistos”.

Acreditamos que os esquemas sejam padrões abstratos que vão sendo delineados à medida que interagimos com o nosso meio ambiente. Assim, as situações vivenciadas

rotineiramente são codificadas esquematicamente, criando uma realidade cognitivo-conceptual subjacente que orienta os mecanismos de construção de sentido. Em outras palavras, os esquemas são produtos de nossas experiências individuais e estão associados à maneira como nos comportamos fisicamente no mundo – deslocamento espacial, movimentos corporais, manipulação de objetos, etc. Para Duque e Costa (2012), os esquemas mais comuns seriam CONTÊINER, PARTE/TODO, LIGAÇÃO, CENTRO/PERIFERIA, ORIGEM/CAMINHO/META, ESCALA e TRAJETOR/MARCO.

Nesse enquadre, a construção de sentidos e, em última instância, a linguagem propriamente dita, estão intimamente relacionadas às nossas interações corpóreas, configurando esquemas imagéticos que perfilam conceitos abstratos decorrentes de nossas experiências sensório-motoras. No entanto, a construção de sentidos envolve também processos de base cultural que são evidenciados através dos frames.

Desse modo, se os esquemas são estruturas subjacentes às nossas experiências individuais, os frames são estruturas conceptuais cuja função é representar conceitos e situações experienciadas (MINSKY, 1974). Nesse caso, o conhecimento que formulamos a respeito do mundo é concebido de forma estruturada, sendo, portanto, retroalimentado e alterado à medida que vivenciamos novas experiências (MINSKY, 1984).

Para Duque e Costa (2012a), um frame é um conjunto de slots que descrevem os atributos (*facets*) dos “objetos” em diferentes contextos (*views*). Esses *slots* podem conter dados ou, até mesmo, outros frames e, a eles, podem estar associados procedimentos que se responsabilizariam por atitudes específicas com relação ao slot em questão. Os principais procedimentos associados aos *slots* durante o seu acesso visam a monitorar se os valores adicionados ou removidos são válidos.

Nessa perspectiva, os *frames* operam simultaneamente com os esquemas nos processos de compreensão e nos orientam a diferenciar os entes em função de suas inserções culturais e contextuais. Por exemplo, ‘caixa’ é um recipiente e, por isso, pode ser representada pelo esquema CONTÊINER, mas são os *frames* que possibilitam a diferenciação entre os vários tipos de caixas e seus respectivos usos – caixa de sapatos, caixa de água, caixa acústica, caixa de marchas, caixa eletrônico, etc., uma vez que todas essas distinções são elaboradas e apreendidas culturalmente.

Duque e Costa (2012) defendem ainda que os frames são constituídos por pelo menos quatro atributos – Cenário, Roteiro (script), Categorias e Taxonomia. No tocante às possíveis contribuições atinentes aos processos de significação, Duque e Costa (2012), postulam que os frames têm basicamente três funções:

- a) reconhecer que uma dada situação pertence a certa categoria, como, por exemplo, o reconhecimento visual de um consultório odontológico ou a associação entre as palavras “noiva” e “casamento”;
- b) interpretar a situação e/ou prever o que surgirá em termos da categoria reconhecida, como, por exemplo, o fato de uma pessoa portar um revólver representar perigo iminente;
- c) capturar as propriedades de conhecimentos altamente compartilhados sobre pessoas, eventos e ações.

Desse modo, o pareamento de esquemas e frames atuaria, em última instância, na constituição de construções linguísticas, como veremos na próxima seção.

4. Construções

A noção inicial de construção foi postulada pelas Gramáticas de Construção pioneiras. Essa perspectiva postula que a unidade básica da análise linguística é a construção, definida como um pareamento de forma (fonemas, símbolos gráficos e gestos) e significado (conceitos ou esquemas conceptuais que são evocados pela forma) em que alguns aspectos do significado e/ou forma não são predicáveis das suas partes componentes (GOLDBERG, 1995, p. 4). Nesse sentido, essa noção de construção fornece ferramentas de atribuição de significado sobre o mundo, pautadas em redes de construções linguísticas.

Essa proposta foi ampliada pela Gramática de Construções Corporificada que manteve o pressuposto de que o conhecimento linguístico em todos os níveis (morfemas, lexemas, idiomatismos, etc.) pode ser caracterizado como construções (pares de forma e significado), mas passou a adotar um formalismo para a análise linguística, concebido especificamente para integrar um modelo de simulação baseado em compreensão de linguagem que também considerasse aspectos pragmáticos.

No tocante ao modelo de arquitetura da Gramática de Construções Corporificada, Duque e Costa (2012) afirmam que a especificação semântica (semspec) fornece parâmetros para uma simulação dinâmica utilizando estruturas de ações incorporadas. Desse modo, o sentido do enunciado consiste na simulação e nas consequências que ele produz.

A partir da próxima seção, faremos uma explanação bastante sucinta sobre os efeitos de frequência.

5. Efeitos de frequência

Em nossos estudos utilizamos o Modelo de Redes baseado no trabalho desenvolvido por Bybee (2001) e que emprega duas terminologias específicas para denotar a maneira como a frequência pode ser aplicada à arquitetura de uma gramática natural: frequência de token (token frequency) e frequência de type (type frequency).

A frequência de token considera a ocorrência dos mesmos itens lexicais em um determinado *corpus* e a frequência de *type* considera a ocorrência de um determinado padrão específico. Em linhas gerais, se encontramos muitas ocorrências de um mesmo item lexical, dizemos que houve um alto índice de frequência de token e se encontramos muitas ocorrências de itens lexicais distintos que compartilham as mesmas estruturas construcionais subjacentes (“Quem X, Y” no provérbio “Quem corre, cansa”, por exemplo) ou um mesmo padrão da língua (o plural em “s”, por exemplo), dizemos que houve um alto índice de frequência de *type*.

Como vimos, o Modelo de Redes considera a frequência das construções gramaticais na dinamicidade do seu uso. De modo que as frequências de *type* (instanciadas pela recorrência de itens lexicais diversos, mas que seguem um mesmo padrão) e de token (instanciadas pela recorrência dos mesmos itens lexicais) passam a

ter um papel fundamental no processo de significação e armazenamento mental do conhecimento linguístico.

6. Idiomatismos

Nesta seção, mostraremos brevemente que para fundamentar nossos estudos recorreremos à abordagem construcional delineada por Fillmore, Kay e O'Connor (1988, p. 501–538), segundo a qual características atribuídas às expressões idiomáticas são também compartilhadas por expressões não idiomáticas. Em nossa análise, partimos do pressuposto de que os provérbios, dentro do universo dos idiomatismos, configuram um tipo específico de expressão idiomática cristalizada. Para começo de conversa, faremos um pequeno contra ponto entre a visão formal de Nunberg, Sag e Wasow (1994) e a visão construcional de Fillmore, Kay e O'Connor (1988).

Nunberg, Sag e Wasow (1994), defendem a tese de que há uma forte coesão (determinada por regras) entre os elementos constituintes das expressões idiomáticas que são concebidas como repositórios ou conjunto finitos de elementos. E para defender a possível existência de traços “necessários” inerentes às expressões idiomáticas, citam alguns exemplos, dentre os quais destacamos seis no parágrafo seguinte.

Apesar de expressões como ‘salt and pepper’, ‘bag and baggage’ e ‘body and soul’, aparentemente serem estruturadas com base em convenções puramente sintáticas, uma vez que apenas a ordem de seus elementos parece ter sido consagrada pelo uso, expressões como ‘kick the bucket’, ‘shoot the breeze’ e ‘go down the drain’ parecem depender de algo que a sintaxe, uma vez que, além da ordem, acrescentam sentidos construídos pelo uso da língua. Casos como esses, revelam que o enfoque meramente sintático parece não dar conta de todos os idiomatismos da língua.

Em busca de explicação para esses tipos de ocorrências, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) propuseram outra maneira de compreender o fenômeno. Após verificarem diversos constructos gramaticais, os autores constataram que a organização gramatical como um todo corresponde a um conjunto de expressões idiomáticas mais ou menos cristalizadas. Essa constatação fez com que tais expressões, antes usadas como evidências da coesão sintática, passassem a servir de argumento favorável a uma visão construcional de gramática, ou seja, à percepção de que um empreendimento exclusivamente formal não seria suficiente para sustentar uma concepção de gramática.

A gramática, neste caso, passa a ser concebida como um conjunto de construções, em que cada uma delas corresponde a um pareamento de forma/significado (cf.: GOLDBERG, 1995; 2006). Nesse sentido, de acordo com Duque e Costa (2012a), o conhecimento sintático e lexical da língua parece não ser suficiente para o usuário saber como compreender os significados dessas expressões ou como determinar a convencionalidade desses constructos idiossincráticos.

Fillmore et. al. (1988, p. 506) propõem ainda a existência de expressões idiomáticas com ponto pragmático e sem ponto pragmático. Nessa proposta, as expressões com ponto pragmático seriam aquelas que, além de terem um significado no sentido habitual do termo, também poderiam ser usadas em contextos pragmáticos específicos. São exemplos de expressões idiomáticas com ponto pragmático as usadas para abrir e fechar as conversas (“Boa tarde”, “Até amanhã”, etc.) e as usadas em

contextos discursivos especializados (“Era uma vez” e “Foram felizes para sempre”, por exemplo, usadas, em geral, na contação de histórias infantis).

A inserção da noção de ponto pragmático para a compreensão de algumas expressões idiomáticas parece fornecer novas evidências para o fato de que os processos de significação desses constructos são extremamente complexos, por envolverem não apenas componentes sintáticos e semânticos, mas também pragmáticos, culturais e cognitivos. Sendo assim, conceber a convencionalidade de um ponto de vista meramente sintático não contempla os mecanismos de construção de sentido acionados pelos indivíduos.

Acreditamos que as expressões idiomáticas com ponto pragmático sejam motivadas diretamente pelo contexto de uso. Essa hipótese fica evidenciada quando, por exemplo, dizemos “bom dia!” porque isso exige diversas pressuposições: a marcação de tempo, alguém a ser cumprimentado, uma situação específica de uso, entre outras. Desse modo, aquelas expressões que podem ser utilizadas independentemente do contexto (“num piscar de olhos”, por exemplo) seriam consideradas sem ponto pragmático.

Cumpramos enfatizar que na língua são encontradas algumas expressões idiomáticas bastante fechadas, como “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” e outras bem mais flexíveis como “apunhalar alguém pelas costas”. Apesar disso, verificamos que o fato das expressões sofrerem variações em suas estruturas sintáticas, não modifica o seu: “O deputado foi apunhalado pelas costas”, “Fernando apunhalou o seu melhor amigo pelas costas”, etc.

Diante disso, reforçamos que uma visão construcional que contemple aspectos semânticos, pragmáticos e cognitivos, envolvendo, inclusive, os conhecimentos prévios dos indivíduos, parece, a nosso ver, mais adequada ao nível de complexidade pertinente aos idiomatismos. Por isso, postulamos que as expressões idiomáticas não devem ser vistas como itens estocados no léxico, mas como um continuum constituído por diversos graus de idiomaticidade.

7. Metodologia

Motivados pelo objetivo de investigar que mecanismos cognitivos nos levam a categorizar determinadas construções gramaticais como sendo proverbiais, apresentamos nesta seção a metodologia utilizada na análise dos fenômenos linguísticos e que envolveu a coleta dos dados e a aplicação de experimentos.

O tipo de pesquisa que desenvolvemos é de natureza qualitativa com suporte quantitativo e experimental. Nosso objetivo, ao optarmos pela utilização de métodos experimentais, foi o de promover uma análise o mais isenta possível de subjetivações, verificando a validação (ou não) de nossas predições. Os resultados nos forneceram respostas e questionamentos bastante produtivos, os quais exibiremos de forma bastante sucinta na próxima seção deste artigo.

Apesar de acharmos indispensável o uso da introspecção – principalmente no que se refere à elaboração de hipóteses e à análise de dados –, resolvemos adotar a pesquisa quali-quantitativa e semi-experimental com o objetivo de suprimos as nossas intuições sobre a categorização das expressões proverbiais.

Em face disso, acreditamos que não só o uso de informantes tornou mais eficaz a compreensão dos processos de categorização das expressões proverbiais, como também o uso de experimentos facilitou a percepção das estratégias cognitivas envolvidas nesse processo.

No intuito de obtermos êxito em nosso empreendimento investigativo, decidimos aplicar uma sequência de procedimentos metodológicos pertinentes ao tipo de investigação que estamos desenvolvendo, quais sejam:

- Formulação de questões claras e concisas.
Variáveis independentes: categorização de expressões como sendo ‘proverbiais’ e ‘não proverbiais’ e influência da estrutura prototípica de um provérbio convencional.
Variáveis dependentes: influência do acionamento de esquemas e influência do acionamento de *frames*.
- Identificação dos testes mais adequados à investigação.
- Identificação das predições e dos resultados quantitativos.
- Execução de um estudo piloto.
- Execução de testes controlados.
- Apresentação dos resultados.
- Discussão dos resultados.

Além disso, elencamos as expressões linguísticas empregadas nos testes segundo os critérios adotados abaixo:

- a) prototípicas – as expressões extraídas de Rosa (2001) que compartilham estruturas proverbiais mais recorrentes;
- b) atípicas – as expressões linguísticas, extraídas de Rosa (2001) com baixo índice de compartilhamento de estruturas proverbiais recorrentes;
- c) não proverbiais – as expressões diversas que parecem não se encaixar no perfil dos idiomatismos.

Apesar de ao final da pesquisa termos realizado um total de 05 experimentos, neste artigo comentaremos apenas os resultados apresentados no teste piloto que contou com a participação de 12 informantes. Os informantes, em sua totalidade, foram selecionados obedecendo a critérios de acessibilidade.

Foram utilizados para a coleta dos dados:

- (i) Questionários;
- (ii) Caderneta de campo;
- (iii) Gravador de voz.

Na próxima seção, veremos as análises iniciais de forma bastante sucinta.

8. Análises

Após concluirmos introspectivamente que a categorização de construções inéditas como sendo proverbiais sofre a influência da estrutura prototípica de provérbios convencionais vistos anteriormente e do acionamento de esquemas e *frames*, resolvemos aplicar um teste piloto no intuito de verificar se a nossa hipótese estava correta.

No teste, elaboramos uma questão composta por quatro alternativas e solicitamos que os informantes (doze ao todo) marcassem aquela em que houvesse uma construção proverbial. Vejamos a figura abaixo para facilitar o entendimento do que dissemos.

<p>Assinale apenas os provérbios</p> <p>(a) Quem com a boca cospe, com a boca será cuspidor.</p> <p>(b) Lenho verde em fogueira, tanto arde até que queima.</p> <p>(c) Mamãe eu quero mamar.</p> <p>(d) A colheita é comum, mas o capinar é sozinho.</p>

Figura 01 – Teste Piloto

Os 12 (doze) informantes que participaram do teste piloto se posicionaram em relação às 04 (quatro) alternativas e o resultado foi o seguinte:

- a) Todos eles identificaram as alternativas (a) e (b) como sendo proverbiais imediatamente e sem hesitação. Tal resultado parece revelar que os informantes se basearam nas estruturas recorrentes de provérbios já conhecidos, para dar conta da identificação dos provérbios “inventados”.
- b) No que diz respeito à alternativa (c), a totalidade de informantes identificou a expressão apresentada como uma construção não proverbial, sem qualquer hesitação.
- c) Quanto à alternativa (d), os informantes hesitaram por algum tempo para atribuir-lhe uma classificação precisa.

O escore pareceu indicar que os informantes se basearam nas estruturas recorrentes de provérbios já conhecidos, para darem conta da identificação dos provérbios inéditos que nós “inventamos”. Chegamos a essa conclusão baseados no fato de que todos identificaram as alternativas criadas a partir de outras construções proverbiais populares como sendo proverbiais, de forma imediata e sem hesitação.

Os resultados também pareceram ratificar a nossa hipótese inicial de que, para categorizar expressões proverbiais ainda não conhecidas, o compreendedor tende a acionar estruturas construcionais proverbiais já conhecidas. Nesse sentido, o teste piloto revelou que a frequência de type (BYBEE, 2001) desempenha um importante papel no processo de categorização das construções linguísticas.

Apesar disso, houve divergências quanto à categorização de uma das alternativas. E isso nos levou a fazer outras indagações:

- a) As construções coletadas seriam categorizadas como provérbios apenas pelo fato de se organizarem a partir de estruturas utilizadas em provérbios já conhecidos?

- b) Por que nem todas as construções linguísticas que utilizam estruturas encontradas em provérbios são categorizadas como tal?

Essas perguntas nos conduziram à elaboração de experimentos mais específicos que viabilizassem a identificação dos mecanismos de categorização das expressões linguísticas. Aplicamos dois experimentos subsidiados por testes de julgamento de expressões com o objetivo de verificar que recursos cognitivos são acessados pelos compreendedores para o julgamento de expressões linguísticas; um experimento baseado em protocolos de recuperação com a finalidade de recuperar esquemas imagéticos a partir de pistas linguísticas e de ilustrações específicas; e mais dois experimentos baseados em testes cloze com o intuito de investigar o papel dos *frames* no processo de categorização das construções proverbiais. A descrição pormenorizada desses experimentos, bem como os seus resultados poderão ser vistos na minha dissertação de mestrado ou em artigos futuros.

Conclusão

Os estudos que desenvolvemos acerca dos idiomatismos indicaram que os compreendedores recorrem à frequência, notadamente a de token (BYBEE, 2001) e a conhecimentos prévios acerca das estruturas construcionais de provérbios conhecidos para categorizarem provérbios inéditos.

Os resultados revelaram ainda que esse processo está diretamente ligado ao acionamento de estruturas relacionadas à corporalidade e de estruturas conceptuais de conhecimento de mundo, como esquemas imagéticos e frames. Desse modo, ficou evidenciado que há uma estreita relação entre o acionamento de esquemas e frames e o grau de idiomaticidade das expressões testadas.

No que se refere especificamente aos esquemas, notamos que os informantes foram motivados, em alguns casos, por esquemas subjacentes às ilustrações utilizadas nos testes e, em outros, por artefatos salientes dessas figuras, o que evidencia que a maneira como o compreendedor atribui sentido depende de focalização. Ou seja, de forma geral, os atributos mais salientes pareceram mais relevantes para a compreensão.

Já no que diz respeito aos frames, observamos que essas estruturas foram fundamentais para a construção de sentido dos provérbios, uma vez que participaram de todo o processo de construção de sentido, contribuindo para que o compreendedor distinguísse as construções linguísticas em função de suas inserções culturais e contextuais.

Durante o processo de categorização das construções linguísticas, esquemas e frames ativados resultaram em simulações mentais, demonstrando que as experiências corpóreas e culturais são decisivas para a efetivação dos processos de construção de sentido e categorização das construções linguísticas.

Apesar dos importantes resultados obtidos, ficou demonstrado que o entendimento dos processos de categorização e construção de sentido dos idiomatismos e mais especificamente dos provérbios é um desafio que exigirá o desenvolvimento de técnicas e de análises mais refinadas acerca dos mecanismos de categorização de

expressões linguísticas. Por isso, é fundamental que novas pesquisas sejam desenvolvidas nesta área.

Referências bibliográficas

BARSALOU, Lawrence. (2008). Grounded cognition. *Annual Review of Psychology*, 59, 617-645.

Barsalou, Lawrence. (1999). Perceptual symbol systems. *Behavioral and Brain Sciences*, 22, 577-660.

CHANG, Nancy; NARAYAN, Shweta. (2004). Simulated Action in an Embodied Construction Grammar. *Proceedings of the Twenty-Sixth Annual Conference of the Cognitive Science Society*.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. Cognitivismo, corporalidade e construções: novas perspectivas nos estudos da linguagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo nº 42*, pp. 87-108, 2011.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva: em busca e uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. Identidade, integração e imaginação: investigando a literatura fantástica. *Núcleo de Pesquisa em Fonética e Fonologia Aplicada à Língua Estrangeira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*, pp. 109-114, 2012a.

FELDMAN, Jerome. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge, Ma: Bradford MIT Press, 2006.

FELDMAN, Jerome; NARAYAN, Shweta. (2004). Embodied meaning in a neural theory of language. *Brain and Language*, 89(2), 385-392.

GIBBS, Raymond. (2005). *Embodiment in Cognitive Science*. Cambridge University Press.

GIBBS, Raymond. (1996). What's cognitive about cognitive linguistics? In E. H. Casad (ed.), *Cognitive linguistics in the redwoods*. Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 27-53.

GOLDBERG, Adele. *Construction: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago/ London: The University of Chicago Press. 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: the nature of generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JOHNSON, Mark. (1987). *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, George. (1987). *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MINSKY, Marvin. (1985). *Society of mind*. New York: Simon and Schuster.

MINSKY, Marvin. (1974). *A Framework for Representing Knowledge*. A. I. Memo 306, Cambridge, MA: Artificial Intelligence Laboratory, Massachusetts Institute of Technology.

NARAYAN, S., BERGEN, B., & WEINBERG, Z. (2004). *Embodied Verbal Semantics: Evidence from a Lexical Matching Task*. Proceedings of the 30th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society.

PEREIRA DA SILVA, V. *O Padrão Discursivo Provérbio numa Perspectiva Cognitivo-experimental: Expressões Idiomáticas em Grande Sertão: Veredas*.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.